**Diário de leitura (texto 1)  
MEIRELLES, Camila. Pluricentrismo linguístico da língua alemã e concepções de graduandos e professores. Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, no 1, 2018.**

| Qual é a conclusão geral que posso tirar deste texto? Gostei dele ou não? (pontos positivos e negativos) Atendeu ao que foi proposto no começo? |
| --- |
| Conclui-se com o texto de Meirelles (2018) que apesar de o alemão ser uma língua pluricêntrica e haver o DACH-Prinzip, o qual reforça a importância em tratar do plurilinguismo nas aulas de língua alemã e tem impacto no *DaF kompakt neu*, por exemplo, ainda é preciso olhar para a língua como ideologia ao compararmos qual variante tem mais poder, e esta é a alemã (*Teutonismen*). Além disso, há uma diferença entre a forma como os alunos de graduação e professores de alemão enxergam o pluricentrismo em sala de aula, já que estes não consideram o plurilinguismo tão importante para suas práticas pedagógicas, enquanto aqueles sim. Portanto, parece que o DACH-Prinzip não tem tido muito impacto nas aulas de língua alemã, e pode-se questionar seu impacto nos livros didáticos.  Considero o texto muito importante ao trazer toda a teoria acerca do plurilinguismo. Quanto à parte prática, considero que faltou analisar mais criticamente o *DaF kompakt neu* no quesito do plurilinguismo e do DACH-Prinzip, uma vez que esperava ler um pouco sobre práticas plurilingues (ou não) ao invés de somente as opiniões de alunos e professores. |
| O que há de diferente neste texto? Quais são as informações novas? Há algo que já conhecia, mas foi dito de outro modo? |
| Já havia ouvido falar do DACH-Prinzip, mas não sabia que ele era algo adotado sistematicamente pelos livros didáticos. Além disso, as terminologias para as variantes nacionais austríacas, suíças e da Alemanha (Austriazismen, Helvetismen e Teutonismen) eram desconhecidas para mim até então. Por fim, a temática do texto é diferenciada, já que na maioria dos artigos de linguística aplicada na área de Alemão como Língua Estrangeira, os autores não deixam claro de qual variante estão falando, a menos que não seja a alemã (Teutonismen). |
| Como este texto se relaciona com a disciplina “Metodologia do ensino de Alemão 1”? |
| Ao falarmos nas aulas de MELA I sobre a transparência das nossas práticas, considero importante termos em mente que o alemão é uma língua pluricêntrica para tomarmos sempre decisões conscientes acerca da variedade que estamos elegendo como predominante em nossas aulas. Além disso, não pensar na língua alemã somente na Europa, já que há variantes no Brasil também. |
| Como este texto se relaciona com a minha formação e futura docência? |
| Durante a minha formação, tive muitos professores alemães e estudei por um período numa universidade alemã. Além disso, sempre estudei com livros de editoras alemãs. Meu contato com outros centros se deu somente num projeto entre alunos da Letras - Alemão da USP e da Universidade de Viena e a partir da literatura alemã com autores como Ingeborg Bachmann. Deste modo, minha formação teve - e ainda tem - foco no alemão da Alemanha, e isso acaba impactando nas mídias que consumo e também nas aulas particulares que dou. Após ler Meirelles (2018), percebo que esse foco se dá muito por conta da minha trajetória e não posso negá-la nas minhas aulas, mas vejo como isso deve ser feito de forma consciente. Além disso, ao pensar em textos autênticos para meu projeto de mestrado, decidi ter o plurilinguismo como um pilar importante da minha pesquisa. |

**Diário de leitura (texto 2)**

**VOERKEL, Paul. Professores de alemão no Brasil - entre mitos e realidade. In: ABEG. (Org.). Professores de alemao no Brasil. 1ed.Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, v. 1, p. 306-314.**

| Qual é a conclusão geral que posso tirar deste texto? Gostei dele ou não? (pontos positivos e negativos) Atendeu ao que foi proposto no começo? |
| --- |
| A partir deste texto, posso concluir que há muitos mitos acerca da profissão “professor de alemão” no Brasil, os quais são em parte apenas mitos, mas em outros casos, verdades. De qualquer forma, o texto é apenas uma pincelada para a realidade do que é ser professor de alemão no Brasil, já que temos situações muito distintas dependendo da região em questão. Além disso, o próprio autor aponta para a falta de estudos sobre o assunto.  Gostei dos mitos elencados pelo autor, já que muitos faziam parte do meu próprio imaginário (ex.: mito 4, de que a maioria dos egressos não trabalha como professor de alemão, já que segundo os dados do texto, 80% trabalha com isso após se formar), e acredito que por ter apresentado os dados de maneira quantitativa, atendeu-se à proposta de quebrar esses mitos. No entanto, considero relevante discutir a origem deles também como uma continuidade do trabalho do autor. |
| O que há de diferente neste texto? Quais são as informações novas? Há algo que já conhecia, mas foi dito de outro modo? |
| Foi o primeiro texto que li, que tematiza mitos acerca da profissão “professor de alemão no Brasil”, já que até o momento estes mitos eram para mim apenas “conversa de bar”. É interessante como o autor traz fatos quantitativos para serem contrastados com os mitos.  Além disso, não sabia que a profissão fora institucionalizada em 1909 somente, o que é extremamente recente. |
| Como este texto se relaciona com a disciplina “Metodologia do ensino de Alemão 1”? |
| Acredito que ao estarmos nos formando professores de alemão no Brasil e passando por todo o processo formativo do bacharelado e da licenciatura, é inevitável que entremos em contato com certos mitos e que acabemos por passá-los adiante. No entanto, é importante conhecer a realidade da nossa profissão como futuros professores e, eventualmente, como formadores de professores. Além disso, conhecemos somente a nossa realidade como estudantes da USP, o que promove ainda mais estereótipos e mitos. Deste modo, acredito que um dos objetivos de MELA I foi nos fazer conhecer a história e as realidades da nossa área de atuação. |
| Como este texto se relaciona com a minha formação e futura docência? |
| Pessoalmente compartilhava de muitos dos mitos levantados pelo autor, e muito disso foi reforçado pela minha experiência individual, já que fiz o bacharelado com uma turma que desistiu da habilitação em massa. Portanto, comecei a acreditar que os alunos da graduação não saíam da habilitação com nível intermediário/avançado de alemão, além de achar que a maioria não trabalhava na área. Como futura docente, espero não generalizar as vivências de meus alunos e transmití-los como “mitos”, principalmente aqueles negativos como os que levantei anteriormente, que acabam desmotivando os estudantes. |

**Diário de leitura (texto 3)**

**PUH, M.; SAMPAIO, I. H.. Da teoria para a prática: propostas formativas interculturais e decoloniais para quem ensina(rá) línguas no Brasil. In: Cristina Figueiredo... [et. al.]. (Org.). Línguas em Movimento: Estudos em Linguagem e Movimento. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2020, v. 2, p. 107-125.**

| Qual é a conclusão geral que posso tirar deste texto? Gostei dele ou não? (pontos positivos e negativos) Atendeu ao que foi proposto no começo? |
| --- |
| Considerei o texto muito interessante por focar na interculturalidade e decolonialidade no ensino de línguas não como crítica apenas, mas sim a partir de uma experiência prática na formação de professores na Bahia, havendo um paralelo com São Paulo. Achei a proposta formativa bem explicitada, levantando meu interesse para as produções da disciplina. |
| O que há de diferente neste texto? Quais são as informações novas? Há algo que já conhecia, mas foi dito de outro modo? |
| Achei diferenciada a forma como o texto foi produzido em forma de diálogo entre autora e autor, havendo um cuidado também para mesclar formas no masculino e feminino. Sobre a proposta formativa na UFBA, achei muito inovadora, principalmente por se dar em vários espaços (ex.: eventos, oficinas, etc.). |
| Como este texto se relaciona com a disciplina “Metodologia do ensino de Alemão 1”? |
| A própria disciplina de MELA I é citada no texto, explicitando diretamente a relação próxima entre ela e o artigo publicado. Contudo, gostaria de destacar o seguinte trecho: “Ao percebermos que no universo de ensino de línguas não há neutralidade, a sala de aula e a postura do professor passam a ter papéis importantíssimos nesse contexto, por isso analisamos e discutimos de forma crítica e sistemática no sentido de avançarmos com as mudanças necessárias ao ensino de línguas na contemporaneidade, pensando a nossa prática pedagógica” (SAMPAIO, PUH, 2020, p. 116). Acredito que essa passagem resume bem o princípio das diversas discussões que tivemos durante o semestre, sejam elas sobre interculturalidade, decolonialidade ou qualquer outro tema. Aprendemos a olhar de forma crítica os materiais que usamos, as formas como ensinamos, os documentos oficiais, etc. Afinal, há sempre uma pessoa/nação/instituição por trás de tudo que consideramos “neutro”. |
| Como este texto se relaciona com a minha formação e futura docência? |
| Durante minha formação acadêmica, incluindo bacharelado e licenciatura, meu primeiro impulso foi simplesmente criticar os livros didáticos. Há de fato muitos trabalhos apontando falhas nos livros de editoras internacionais, mas poucas propostas de materiais próprios ou adaptações. Ao ter mais contato com pesquisas da área de ALE, percebi que a crítica deve ser apenas um começo. Além disso, considero que pensar em interculturalidade e decolonialidade se relaciona com meu objeto de pesquisa, os textos autênticos, já que a escolha dos textos abre diversas possibilidades. |

**Diário de leitura (texto 4)**

**WEIDUSCHADT, Patrícia; SOUZA, Marcos Teixeira; BEIERSDORF, Cássia Raquel. Afro-pomeranos: Entre a Pomerânia Lembrada e a África Esquecida. Identidade! | São Leopoldo | V.18 N. 2 | P. 249-263 | Jul./Dez. 2013 | Issn2178-0437x.**

| Qual é a conclusão geral que posso tirar deste texto? Gostei dele ou não? (pontos positivos e negativos) Atendeu ao que foi proposto no começo? |
| --- |
| O texto me chamou bastante a atenção pelo título por juntar a África com a Pomerânia, e já no início por tratar de ambos os imigrantes como *diáspora*. Contudo, o texto foca na relação entre afrodescendentes e pomeranos no espaço religioso e reforça a importância das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para ambas as comunidades, e não exatamente no “sucesso” da diáspora alemã e no “esquecimento” da diáspora africana, quebrando minha expectativa como leitor, sendo explicitado apenas no fim do artigo que o objetivo do trabalho não é essa problematização. No entanto, considerei o texto extremamente interessante, principalmente o trecho, no qual é tratada a relação entre as mães de Raquel Silveira, a qual teve maternagem negra e foi criada por família pomerana, com a igreja, a qual era um espaço que possibilitava a troca entre etnias, havendo até símbolos e elementos da religião africana. Além disso, o foco na igreja como local de encontro para mães-mulheres de classe popular de diferentes origens. |
| O que há de diferente neste texto? Quais são as informações novas? Há algo que já conhecia, mas foi dito de outro modo? |
| Nunca havia ouvido ou lido a palavra “diáspora” associada aos afrodescendentes no Brasil e também nunca havia ouvido falar da Igreja do Sínado de Missouri. Não fazia ideia de que uma igreja americana era tão influente aqui no país, e muito menos que ela era um local de encontro entre pomeranos e afrodescentes. De fato, essas relações foram extremamente novas para mim. |
| Como este texto se relaciona com a disciplina “Metodologia do ensino de Alemão 1”? |
| Discutimos muito na disciplina que a língua alemã é plural, o que se relaciona fortemente ao plurilinguismo discutido por Meirelles (2018). Ao falar-se da identidade dos pomeranos, o qual eram visto como “menos” alemães pela língua que falavam, fica claro que falar de língua como ideologia é central ao falarmos de línguas teuto-brasileiras, um tema central da disciplina. Além do plurilinguismo e da língua como ideologia, falamos de decolonialidade, e esse texto é um ótimo exemplo de como falar sobre língua alemã é falar sobre muito mais do que o homem branco europeu. |
| Como este texto se relaciona com a minha formação e futura docência? |
| Ao começar a aprender alemão, tratava a Alemanha como um país “unificado” culturalmente e linguisticamente, o que foi se desconstruindo ao longo do tempo ao ter contato com diferentes variantes, inclusive fora da Alemanha. Ao relacionar os pomeranos à diáspora africana, creio ter expandido ainda mais minha visão acerca da língua alemã, o que com certeza colabora para um maior esforço em não generalizar a cultura e a língua para meus alunos, além de eu mesma procurar me informar ainda mais. |

**Diário de leitura (texto 5)**

**MONTE, N. C. Diário de “escrevivência” em sala de aula: reflexões sobre a prática docente. Revista Projekt, São Paulo, p.33-37, 2020.**

| Qual é a conclusão geral que posso tirar deste texto? Gostei dele ou não? (pontos positivos e negativos) Atendeu ao que foi proposto no começo? |
| --- |
| Após ler o texto, concluo que precisamos lidar com as nossas aulas de língua alemã não somente como algo isolado de todo o resto do processo educacional, não somente como um conhecimento “a mais”. Além disso, reconhecer o aluno como alguém que tem uma vida fora da sala de aula, e isso implica em experiências, ideias e toda uma complexidade individual, a qual deveria ser levada em consideração durante as práticas, e isso envolve a interculturalidade. Por fim, não separar as nossas vivências com a nossa prática como professor e pesquisador.  Gostei muito do texto e ele foi muito além das minhas expectativas, sendo uma leitura muito prazerosa e também muito relevante. |
| O que há de diferente neste texto? Quais são as informações novas? Há algo que já conhecia, mas foi dito de outro modo? |
| Já havia ouvido discussões sobre a distância entre a acadêmica e a sala de aula, mas nunca da perspectiva da Linguística Aplicada, nem essa discussão entre a impessoalidade da academia, a qual não se sustenta na pesquisa, já que “o conhecimento que não considera as vozes daqueles que vivem a prática social não pode dizer nada sobre ela” (MONTE, 2020, p. 35). Também a crítica sobre como a interculturalidade é altamente tematizada em textos da nossa área de pesquisa, mas pouco colocada em prática ao não levar-se em consideração o aluno como alguém que traz toda uma bagagem para a sala de aula. |
| Como este texto se relaciona com a disciplina “Metodologia do ensino de Alemão 1”? |
| Considero que ao nos formarmos como futuros docentes, há um conflito entre a impessoalidade que a academia acaba pregando (sempre citando autores, nunca escrevendo na primeira pessoa do singular, etc.) e a nossa individualidade como aluna e professora. Deste modo, ao analisarmos livros didáticos, documentos oficiais, planejarmos atividades, etc., sentimos que a nossa pessoa está presente nessas análises e planejamentos, já que como aluna temos críticas e opiniões, as quais vão refletindo na nossa prática como docente. Ao invés de essa imparcialidade ser um problema, o texto de Monte (2020) legitima essa individualidade, a qual seria importante para nós, professores-pesquisadores, além de desmentir esse ideal de que as pesquisas e a aula de aula são neutras. |
| Como este texto se relaciona com a minha formação e futura docência? |
| Quando comecei a me formar como docente, o que considero como o momento em que virei monitora de Língua Alemã I na Letras, preocupava-me demasiadamente com a língua como sistema e acreditava que ajudar os alunos se resumia a pensar formas de se explicar gramática, o que provou ser um erro. Percebo através deste texto que a desmotivação dos alunos se dava muito pelo fato de eles não terem um “objetivo maior, ou seja, uma função social à qual a língua tenha que atender, e que coloque os alunos em interação com interlocutores que não se resumem ao professor” (MONTE, 2020, p. 36). Deste modo, entendo que para a grande parte dos alunos, os quais estavam se graduando em Letras-Alemão, mas sem perspectiva de trabalharem na área e/ou de irem para um país de língua alemã, era muito desmotivante aprender a gramática, já que não viam sentido em produzir no idioma, por exemplo. Portanto, acredito que essa questão levantada pela autora do texto seja de extrema relevância ao pensar nas produções de meus alunos, para que elas não sejam apenas um exercício de língua.  Quanto à questão da nossa individualidade nas produções científicas, considero que o texto me ajudou com uma questão pessoal na minha formação, já que em vários trabalhos de linguística aplicada chamavam a minha atenção por ser pessoal demais, enquanto o tema era de fato muito pessoal para mim, já que sempre escolhia como tema para meus trabalhos inquietações que tinha como aluna e monitora. |